



Ideal *versus* Ideologia?



Mas afinal de contas, o que faz do brasileiro um povo pacífico? Não há de ser o calor do sol, nem a beleza das praias, nem o carnaval, ou os jogos de futebol. A resposta talvez esteja na boa fé do povo brasileiro.

A desinformação e, por quê não dizer, a alienação e o conformismo de grande parte dessa massa, desfavorecida, que garimpa o sustento com as poucas ferramentas que dispõe, amoladas a suor e lágrimas, são manipulados com requintes de crueldade por administradores mal intencionados. Estes, muito mais preocupados em garantir a continuidade de suas nocivas gestões do que de promover o bem comum.

Se cada brasileiro tivesse a oportunidade de circular um único dia pelos corredores, galerias, ante-salas e gabinetes de muitos dos que detêm o poder, a história deste país seria outra. É possível que nem tão pacífica assim, mas com certeza os desmandos, os arrochos e os absurdos a serem combatidos diuturnamente teriam outras proporções.

Os integrantes da “população economicamente ativa” passam, seguramente, mais tempo tentando escapar das armadilhas criadas por aqueles que deveriam trabalhar pela ordem e pelo progresso, do que cuidando de suas próprias atividades. Há que

se tirar o chapéu e reverenciar tamanha criatividade para criar dificuldades, inventar problemas, monstros jurídicos e afins.

Qual é o crescimento que dizem buscar? Deveriam pensar em rebatizar as ex-futuras tábuas de salvação: as tão aguardadas PPP's. Fica a sugestão de Pobres, Pequenos e Problemáticos. “Ai” do setor que tiver um bom desempenho! A título de incentivo lhe são impostas novas regulamentações, taxações, imposições, retaliações e o pior: achaques ideológicos. Quanto aos primeiros, não é difícil notar que a máquina incha tanto, e é tão claramente ineficiente, que a conta não fecha. Mas e a ideologia? O que há por trás dela?

Uma das mais recentes novidades diz respeito aos índices de produtividade. Um projeto em andamento no Governo Federal propõe o aumento dos índices mínimos de produtividade rural. Trocando em miúdos, uma nova maneira de aumentar o estoque de propriedades rurais passíveis de desapropriação para fins de reforma agrária. Se as coisas não estão fáceis, uma ala do Governo dá sinais de que o fundo do poço ainda é mais embaixo.

Estamos diante de, no mínimo, dois grandes equívocos: um agropecuário e outro ambiental. Os critérios não têm sustentação por infinitas razões. A agri-

cultura e a pecuária modernas já enfrentariam sérias dificuldades para cumprir o proposto, e nas de menor porte os problemas serão mais graves. Derrotado o bom senso, haverá desapropriações e assentamentos em propriedades com infra-estrutura completa. É tentador. Mas para os futuros assentados os índices também deverão valer.

Se tradicionais produtores, capitalizados e gestores por excelência não conseguirem sustentar os índices, é possível afirmar, com base nos resultados observados nos programas de reforma agrária já implantados, com 100% de certeza, de que estes também não conseguirão. Ora, pelo princípio da isonomia, o justo será desapropriar o assentado e assim sucessivamente, à exaustão. O bom senso agoniza.

Em que patamar estaria o Brasil se o setor produtivo deixasse de combater tantas idéias mirabolantes que brotam no Planalto Central? Onde teria chegado a carga tributária? O eco histerismo? Haveria ainda produção, empregos e consumidores? O preço a pagar para ver é alto demais. Por sorte existe um pelotão antenado e disposto a seguir discutindo e negociando. As vitórias serão mais prováveis na medida em que esse contingente for maior. A mobilização contra a 232 foi um bom começo. É daí para mais!

Agricultura familiar e agro

Durante uma solenidade no último 11 de abril, no Instituto Minas Cidadania, em Belo Horizonte, o Ministro Chefe da Casa Civil, José Dirceu, ao comentar o desafio de cumprir a meta do governo de assentar 400 mil famílias até 2006, disse que os sem terra, já



assentados, devem romper com a dependência financeira do governo federal. Segundo o Ministro, a criação de cooperativas de agroindústrias seria a saída para modernizar a infra-estrutura da agricultura familiar dos assentamentos.

Já no dia 19 de abril, o Governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, ao visitar um assentamento do Itesp (Federação Instituto de Terras de São Paulo), em Jaboticabal, tido como exemplo de produtividade, encontrou um cenário diferente do que esperava. Os assentados que, de novembro do ano passado a março deste ano, exportaram quiabo e pimenta para Portugal, estagnaram a produção. Sem um contrato formal assinado, o comprador simplesmente interrompeu a importação.

Durante a visita o Governador anunciou que quer criar metas de produção para os assentados do Itesp, meta que se não for cumprida pode representar o despejo do lote. Segundo o Secretário de Justiça e Defesa da Cidadania de São Paulo, Alexandre de Moraes, a idéia é manter nos assentamentos aqueles que tenham vocação para o trabalho na terra. Para isto, cerca de 200 técnicos do Itesp estão percorrendo o Estado para levantar a produtividade dos assentamentos.

É de assentamentos do próprio Itesp, em Motuca, que vem bons exemplos para mostrar ao Ministro Dirceu e ao Governador Alckmin que a sustentabi-

Vista aérea dos assentamentos da Fazenda Monte Alegre, em Motuca

lidade é possível, sem depender de ajuda oficial. O produtor Moisés Garcia do Nascimento produziu 1.216 toneladas de cana, com produtividade acima da média de produção na região, que é de 80 toneladas por hectare.

Para explicar a história dos assentamentos é preciso citar 2 momentos importantes. O primeiro aconteceu há quase 20 anos, quando a Fazenda Monte Alegre, pertencente à Codasp (Companhia de Desenvolvimento do Estado de São Paulo), foi desapropriada para assentar famílias do movimento de trabalhadores rurais da região de Araraquara. A fazenda, que produzia e comercializava eucalipto, foi cedida ao movimento via um acordo com o Governo do Estado para uma ocupação pacífica e organizada. Foram criados 7 assentamentos, sendo 4 no distrito de Motuca: 220 lotes com área média de 14 hectares cada um.

O segundo momento dessa história aconteceu em 1990, quando o distrito de Motuca foi emancipado de Araraquara. O primeiro Prefeito, Rui Pinoti, percebeu que os assentados representavam um problema social crescente. Não trabalhavam nos lotes e disputavam os empregos com os moradores da cidade.

O então Prefeito, que foi funcionário da Usina Santa Luíza, localizada na cidade, imaginou uma parceria com a iniciativa privada para dar renda e autonomia para os assentados. Num primeiro momento a idéia não foi aprovada, mas

continuou sendo redesenhada e aprimorada.

Em 1998, um levantamento feito pelo engenheiro agrônomo Paulo Amaral, da Casa da Agricultura local, mostrou que 60% das terras dos assentamentos não eram cultivadas. Essa ociosidade fez com que a parceria fosse repensada.

O plantio de cana-de-açúcar foi a solução encontrada para aproveitar o potencial econômico e produtivo do local. A parceria demorou quase 10 anos para ser aprovada oficialmente pelo Itesp e pela Secretaria da Justiça, e envolve além dos assentados, a Prefeitura e a Usina Santa Luíza.

De acordo com o projeto, o plantio



O assentado Moisés Nascimento bateu o r

negócio sem demonização



...a, onde o plantio de cana-de-açúcar proporciona renda e estabilidade aos assentados

de cana pode ocupar, no máximo, 50% do lote, e o trabalho deve ser feito apenas pelos assentados, do plantio à colheita. A usina entrou com os investimentos iniciais: mudas, herbicidas, fertilizantes, corretivos e máquinas. Os assentados, a maioria endividada, não tinha mais crédito para arcar com as despesas. Um contrato vinculado em cana-de-açúcar previa o pagamento em 3 safras, sendo 50% na primeira, 30% na segunda e 20% na terceira.

A primeira parte já foi paga na safra passada, a primeira do Projeto Cana. No início apenas 40 famílias aderiram à proposta. Neste ano já são 140, somando quase 900 hectares. O contrato de for-

necimento de cana é o padrão, semelhante ao firmado com os produtores tradicionais, pelo sistema Consecana.

Os que não acreditaram na parceria, ao verem seus vizinhos investindo em suas casas e suas lavouras, agora, também querem fazer parte. A renda líquida por hectare pago a cada produtor foi de R\$ 2.890,00, em 2004.

Moisés, o assentado que bateu o recorde de produção, um dos primeiros a chegar à antiga Fazenda Monte Alegre, diz que “pelejou” de todos os jeitos na terra, mas não saía do lugar, nunca progrediu. Produziu arroz, feijão, soja, sorgo, mas não conseguia um bom preço para os seus produtos, o que foi diferente com a cana. Investiu o que ganhou no outro lado do lote, comprando calcário, adubo e herbicida. Reformou a casa e já pensa em reativar sua granja.

Outro assentado, Luis Nascimento, está na Monte Alegre há 20 anos. Foi outro que acreditou no Projeto Cana. Conta com orgulho que conseguiu sair do SPC e do Serasa, e que pagou cerca de R\$ 4.000,00 em impostos. Pagou porque produziu. Segundo ele, pela primeira vez se sente um produtor: “Faço parte de uma cadeia produtiva. Estou ajudando o Brasil a vender açúcar e álcool”. Na outra parte do lote, “Seu” Luis plantou feijão. Colheu 12 sacas, e como não precisa de tudo para a sobrevivência da família, vendeu 10 e ficou com 2. Ele diz que acredita no

trabalho e não no conflito, mas como seu trabalho agora está sendo rentável, começa a sofrer, junto a outros assentados, ameaças de invasão nos lotes. Além disso, um grupo de trabalhadores sem terra da região, que contesta o acordo aprovado pelo Itesp, entrou na justiça contra os assentados, a Usina e o próprio Itesp.

Segundo Paulo Amaral, da Casa da Agricultura de Motuca, a Prefeitura com sua patrulha agrícola, que tem 4 tratores, implementos e colhedoras, tem participação importante nesta parceria. As máquinas não são cedidas, mas alugadas por hora, assim o trabalho é mais valorizado. Outro diferencial deste contrato é o sistema de mutirão: 100% do plantio e da colheita são feitos pelos próprios produtores. Há ainda um bônus para o produtor que ajudar seu vizinho. O supervisor da Usina anota os pontos daqueles que colaboraram e o trabalho é pago em tonelada/cana. Este estímulo faz com que todos se ajudem. No ano de 2004 o assentamento colheu 25 mil toneladas de cana e obteve uma renda bruta de R\$ 883 mil reais. Para 2005 a previsão é de uma produção de 65 mil toneladas de cana e uma renda bruta de mais de R\$ 2 milhões de reais. O objetivo é que até 2007 metade da área de todo o assentamento, cerca de 1.500 hectares, esteja engajado na parceria, e que as 220 famílias tenham renda e se sintam fazendo parte do maior setor da economia brasileira.



...recorde regional de produtividade da cana

Rincão. Paciência e esperança

A expressão gaúcha *Rincón*, que significa lugar abrigado por rios, morros e matas, deu origem ao nome da cidade. Os tropeiros gaúchos passavam por aquelas terras conduzindo suas tropas de animais, antes mesmo que ela se tornasse o Distrito da Paz. No Distrito, o progresso chegou junto com a estrada de ferro, que transportava gado e café. Em 1884, quando os rumores da construção da ferrovia se espalharam, foi fundada a Vila da Paciência. Hoje, Rincão.

Mas muito antes disso a região já era habitada. Recentemente foram encontrados vestígios dos seus antigos moradores, os índios guaianazes.

A cidade cercada por morros e rica em cursos d'água tem uma paisagem especial, mas que requer muitos cuidados. A exploração mineral, concentrada no bairro Taquaral, é fonte de renda e também de muitos problemas, tanto que a obtenção de licença para o trabalho está cada vez mais difícil. No bairro o esgoto corre a céu aberto, o que combinado com a extração da areia e pedregulho, faz a prefeitura correr contra o tempo em busca de soluções rápidas. O desafio foi assumido este ano por uma mulher, Therezinha Servidonna, a primeira prefeita, que obteve a maior votação da história da cidade. A professora aposentada, que já havia sido vereadora duas vezes, gosta de contar seu primeiro grande feito. Em 20 dias de contenção de despesas, regularizou todos os salários pendentes, cerca de R\$ 300 mil, mas sabe que os desafios são muito maiores. A verba para a construção de uma estação de tratamento de esgoto para o Taquaral já foi garantida junto ao Comitê de Bacia. Os emissários já estão sendo iniciados. Mas o sistema de água é outra grande preocupação. A perda chega a



Foto: Prefeitura Municipal

Rodeada por morros, Rincão aposta no turismo rural

60%. Culpa dos reservatórios e da inadimplência. Os gastos com a manutenção são de R\$ 48 mil, e a arrecadação é de R\$ 16 mil. A conta não fecha. A iluminação pública precisa de modernização e muitas ruas ainda estão sem asfalto.

A principal atividade econômica é agricultura, com destaque para a cana-de-açúcar e a laranja. Mas a falta de postos de trabalho urbanos atrapalha o desenvolvimento. A cidade tem apenas pequenas indústrias de transformação de tijolos, e um comércio acanhado. Na educação, municipalizada de 1ª a 4ª série, a idéia é traçar um projeto único para todas as unidades, já que em algumas, crianças de 10 anos praticamente não sabiam ler. A USP de São Carlos está preparando um projeto para melhorar a auto-estima e o aprendizado dessas crianças.

Na área da saúde 2 unidades básicas e um pronto-socorro atendem a população, além de uma equipe do Programa de Saúde da Família.

Os números do IBGE mostram que a população tem crescido em Rincão, hoje com cerca de 11.200 moradores, menos que em outras cidades da região. Muitos jovens acabam saindo da cidade. Talentos se perdem. Mas como educadora, a Prefeita já pensa no futuro da cidade. Para garantir a formação de futuros gestores, alguns de seus secretários de governo têm jovens assessores trabalhando em seus gabinetes. E eles estão surpreendendo, com lições de otimismo e pitadas de aventura nas decisões.

Os jovens fazem a alegria da cidade. Nos finais de semana, pelo menos dois bailes são realizados no clube local. A praça central e as lanchonetes ficam lotadas.

As grandes festas são o carnaval de rua e a quermesse junina, que acontece no pátio da antiga estação ferroviária, onde hoje funciona a prefeitura. Festas que fazem parte do plano de turismo local, uma promessa e uma esperança de desenvolvimento, devido à beleza natural e às suntuosas sedes de fazendas que ainda estão preservadas na região.

